

Apontamentos do testemunho de Enrico Craighero nos Exercícios Espirituais dos trabalhadores de Comunhão e Libertação

Rimini, 14 de Maio de 2017

Eugenio Nembrini

Fez-me verdadeiramente impressão ouvir os cantos desta manhã, que não foram escritos por um sacerdote o por um religioso, mas são o grito, o canto de mulheres e homens, de cada homem e de cada mulher desta terra: gritam, pedem, desejam uma plenitude, e em formas diversas, mas todas de modo radical, cantam não sobre uma presença pensada, mas sim uma presença real, dum amigo real. «Se tu não estivesses aqui / Pobre de mim¹», o que seria a minha vida? Ontem encontrámos um personagem: Zaqueu. Todos os anos há um que se nos torna mais amigo, mais companheiro de caminho. Este homem como nós, semelhante a nós, ao qual há dois mil anos acontece aquilo que estes cantos gritam, pedem, aquilo que o nosso coração grita e pede.

Ontem à noite lia algumas das cartas e das perguntas que me chegaram e impressionava-me um facto: não existe quase nenhuma pergunta que peça: «Don Eugenio, amanhã de manhã ajuda-nos a perceber tal passagem porque não percebi». Não, não, não; todos – todos! – contam sobre a provocação que foram para si estes dias. E há toda a gama – belíssima! – de reacções, desde quem me diz: «Don Eugenio, mas eu estou ótimo, estou fantástico, não sinto qualquer falta», a quem escreve: «Don Eugenio, estou de rastos. Está a acontecer-me tudo e mais alguma coisa. Afinal onde está esse bem? Onde está esse tal bem da realidade? E onde está esse Deus que diz ser meu companheiro de caminho? Se tu soubesses!». Uma gama infinita de homens que diante da realidade, diante destes dias são provocados a trazer ao de cima as perguntas, os desejos mais profundos do coração.

Esta manhã pedimos a um amigo: aquilo que aconteceu há dois mil anos, aquilo que vimos em Zaqueu é um sonho, é uma coisa lindíssima do passado, ou representa uma possibilidade também hoje para este homem que grita, pede, vive, que é provocado pela vida, por si mesmo, pelos filhos, pelo que acontece? O que é que acontece a um homem que quer bem à sua humanidade, à sua necessidade, à sua pobreza e que inicia o caminho da vida? Queremos deixar-nos ajudar pelo Enrico que nos conte de si.

Enrico Craighero

Obrigado. À parte a emoção que, evidentemente, me desculparão, eu começaria contando-vos coisas simples que me aconteceram na vida e que de algum modo a marcaram, porque não há nada como as circunstâncias. A realidade que cada um de nós deve viver é a coisa mais bela e maior que temos, ainda que muitas vezes a realidade não seja como a pensamos ou como a imaginamos nós. A vida é um pouco como um campo de jogo: todos queríamos jogar sobre um tapete de relva perfeito, porque pensamos que assim se possa jogar melhor. Não digo que nos possamos divertir mais, mas certamente que se pode jogar melhor. Normalmente, porém, a realidade é um campo de jogo cheio de pedras e onde há pouca relva. E então corre-se de imediato um risco – pelo menos eu

1. Mina, «Se tu non fossi qui», letra e musica M. Terzi e C.A. Rossi, 1966

corri-o –, um risco talvez alimentado pelos amigos: «Oh, mudemos o campo de jogo!», como quem diz: se pudermos, procuremos mudá-la um pouco, esta realidade.

O campo de jogo e um olhar feliz

Quando nasceram os meus dois filhos, Paolo e Lele – que hoje têm trinta e seis anos – ambos com uma deficiência grave, o campo de jogo pareceu-me de imediato não exactamente um tapete de relva. Mas houve uma coisa que me tocou e recordo muito bem: embora dentro da dificuldade daquele momento, eu não queria mudar este campo de jogo, mas queria ver como se desembaraçaria Aquele que me tinha dado aquele terreno particular, aqueles dois filhos, como haveria de me permitir viver e como haveria de responder a tudo o que o meu coração desejava, que era a felicidade.

Quando o campo de jogo se torna algo pesado, quando a realidade se torna difícil e te parece inimiga, há um aspecto que na minha vida nunca perdi de vista: deves dar crédito à tua humanidade, ou seja, a como tu reages. Também uma reacção, também uma desilusão, também uma inquietude, tudo o que emerge em ti quando a realidade é assim difícil, tudo isso serve. Não se percebe de imediato que serve, mas é preciso ceder também a este não perceber de imediato, porque serve. Porque muitas vezes nós temos pressa na vida. É como se o tempo fosse contra nós. No entanto é paradoxal ver como o tempo nos é dado para deixar emergir algo de belo mesmo numa realidade tão dura e difícil. No fundo no fundo, era este o desejo que tinha: que numa realidade que me parecia tão difícil, tão complexa, quase impossível, pudesse sair uma beleza. Desejei-o sobretudo naqueles quatro anos em que a vida foi verdadeiramente dura, verdadeiramente difícil, quase no limite do impossível. Quatro anos em que, quanto mais avançava o tempo e mais faltava o ar, tanto mais respirava afanosamente, com dificuldade; quatro anos em que parecia que tardasse em chegar a resposta ao desejo de beleza que alguém que me tinha posto no coração.

O que deve acontecer para que uma realidade tão dura possa começar a falar, a fazer emergir algo que esperas, mas que não sabes o que é? É preciso que aconteça uma coisa simplicíssima, aquela que me aconteceu uma noite, depois daqueles primeiros anos tão duros: estávamos à mesa, eu dava de comer ao Daniele, enquanto que a Angela, sentada à minha frente, dava de comer ao Paolo; aquela noite – noites como aquela tinha havido tantas naqueles quatro anos, mas aquela noite foi diferente – levantando os olhos cruzei o olhar com a minha mulher e vi os dela alegres, vi dois olhos que olhavam a realidade daqueles dois filhos como eu não era capaz de olhar. Também eu olhava aqueles dois filhos, mas a realidade não me falava, era-me como que inimiga. Ela, pelo contrário, olhava aqueles dois filhos e era feliz. Imediatamente – como dizia ontem o don Eugenio, meia hora depois do encontro com Jesus na sua casa, Zaqueu decidiu restituir quatro vezes aquilo que tinha roubado –, naquele instante, dentro daquele instante, aconteceu uma coisa simplicíssima: veio-me uma inveja daqueles dois olhos da minha mulher e um desejo de os ter também eu. E logo depois veio-me uma pergunta tão grande como uma casa, a grande pergunta: «Mas o que é que ela vê que eu não vejo? E no entanto, também eu olho, mas o que é que ela vê que eu não vejo?».

Aquele foi o instante mais decisivo da minha vida, porque a partir daquele momento aquilo que antes era um peso, uma dificuldade, tornou-se numa aventura. Mas não uma aventura para mudar a realidade, não um esforço para a modificar, não um esforço para eliminar o limite dos meus filhos; não, não. Tornou-se numa aventura para procurar perceber quem estava em condições de dar um olhar assim à minha mulher. Toda a minha vida foi isto. De facto, o instante daquele serão reconteceu milhares de vezes, porque se tivesse permanecido só o instante daquele serão, hoje estaria aqui a contar uma recordação que talvez, tendo passado trinta e dois anos, já estaria bem desbotada no tempo. E no entanto não, recontece. Aquele olhar continua a recontecer.

No ano 2000 – era um momento da minha vida algo escuro, um daqueles momentos em que vês tudo negro – fui ao Cazaquistão em trabalho. Os meus amigos deram-me o nome dum padre (que depois era ele, don Eugenio, mas naquela altura não o conhecia). Uma noite resolvi percorrer três mil quilómetros em direcção à China para ir ter com ele, e lá fui. Desço do avião. Eram duas da manhã. E ele lá apareceu, e às cinco parti de novo para regressar à Europa. Dentro do coração tinha toda esta dificuldade da vida – espero não ter sido o único a experimentá-la –, uma escuridão, uma dificuldade. Não me lembro o que é que nos dissemos naquelas duas horas; uma coisa, porém, recordo bem. Voltei a casa daquele encontro dizendo-me: «Enrico, mas se aquele padre, tal como é, desfruta a vida, se está contente de viver ali onde está, a ti o que é que te falta para viver e para desfrutar da vida como a aproveita ele?».

Este ano vieram de férias connosco o Fabio e a Patrizia e contaram-nos da sua vida com os amigos presidiários. Passaram pelas coisas mais incríveis (não vou estar aqui a detalhar, digamos que se tratou duma vida bastante complexa), e no entanto, vêmo-los alegres. E volta a pergunta: mas o que é que eles vêem? Mas quem é que lhes dá olhos assim? Quem é que pode dar-lhes um olhar tão belo e interessante sobre a realidade? Porque a realidade, não há nada a fazer, pode olhar-se de dois modos – os modos são mil, mas podem reduzir-se a dois. Quando vou com os meus filhos a casa de amigos que têm filhos pequenos, para estes, mas também para os pais preocupados pelas crianças, o impacto com o Paolo e o Lele é muitas vezes difícil, justamente. A realidade pode fazer medo. Depois vê-se que, passados cinco minutos de estarmos ali, os pais começam a mudar, no sentido em que deixam de ter aquele medo que os tinha caracterizado até um segundo antes. E os filhos, vendo que os pais já não estão com medo, começam também eles a não ter medo. Porque é que isto acontece? Os pais dizem-me sempre: «Porque estão aqui tu e a Angela. Porque olhando-os como vocês os olham, sem medo, como filhos, vem-nos uma grande vontade de olhá-los também nós assim». E pergunto-me sempre: mas este olhar, este Zaqueu na árvore e Jesus que passa por baixo, é assim tão difícil de ver, de reconhecer?

Conto-vos um episódio do Lele. O Lele é aquele que, dos dois, se mexe imenso. A nossa salvação é quando vão para a cama; não é a salvação porque vão para a cama, mas quando vão para a cama podemos tomar fôlego, respirar. O Lele está sempre agitado, mas quando está na cama ninguém o consegue mexer: calmo, debaixo da roupa. Uma noite disse à minha mulher: «Angela, amanhã de manhã vou encontrar-me com um amigo», que é também amigo do Lele, alguém de quem basta pronunciar o nome... E de facto, apenas pronuncio este nome ele atira as cobertas, salta da cama e, para manifestar toda a sua vontade de viver, começa a derrubar tudo aquilo que encontra, por isso é preciso segurá-lo. Este facto impressionou-me: um nome! Um nome sussurrado, e nem sequer num

contexto preciso, um nome! Um nome faz sair um homem da cama em que estava a dormir. Tira-o da cama e atira-o para o real. Um nome, percebem? É impressionante. Um nome! Mas porque é que – perguntei-me – o Lele intercepta tão facilmente aquele nome? Porquê? Poder-se-ia dizer: «É um deficiente!». Mas seria redutor, lamento. Porque é um homem necessitado de tudo, por consequência apanha quem o salva, quem o liberta, quem o relança no real, quem lhe quis bem, quem o olhou, quem o considerou como homem, quem não o tratou como limitado, como deficiente; por isto saltou da cama.

Ao contrário do irmão, o Paolo não anda e não se mexe. Tenho imensa sorte: todas as manhãs tenho que o levantar da cama, porque sozinho ele não consegue, não é capaz. Não é um pouco assim a nossa própria vida? Quem pensa ser capaz de sair da cama sozinho se calhar começa a apostar tudo em si; pelo contrário, ele não é capaz e recebe-te com um sorriso grande como uma casa, como se te esperasse, em tensão, à espera que tu abras a porta, entres no quarto e o levantes para lhe dares de comer. E aqui termino a primeira parte da minha intervenção: há uma salvação que eu desejo tanto como a desejam todos os homens, incluindo os meus filhos. E se a esperamos, se temos necessidade dela, se percebemos que não a podemos fazer sozinhos, se não estamos ali a fazer raciocínios de todo o tipo, procurando negociar as coisas, agarramos esta salvação, porque esta salvação está presente hoje, não é qualquer coisa de ontem e nem sequer qualquer coisa do futuro. A mim interessa-me uma salvação hoje, como interessa aos meus filhos.

Amar a dramaticidade de um caminho

Há um segundo aspecto que também tomei destes dias: a questão da liberdade, que é então a questão da estrada. A este propósito tenho em mente um episódio que aconteceu exactamente nesta sala há uns três ou quatro anos. No sábado à noite voltávamos pela terceira vez ao salão onde estavam o Silvio Cattarina e quatro dos seus rapazes de «L'Imprevisto» que contam uma história dramática, em alguns aspectos mesmo trágica, um caminho verdadeiramente pesado. E depois falam de como são agora, de como recomeçaram a apreciar a vida. No final do encontro Don Eugenio fez uma pergunta a todos nós, que estávamos no salão: «Quem não quereria ter filhos assim?». Explodiu um aplauso. Lembro-me como se fosse agora. Como a dizer: «Eu, eu, eu!» Todos nós quereríamos filhos assim. Naquele momento, Don Eugénio fez-nos uma segunda pergunta: «Mas quem de vocês estaria disposto a aceitar toda a estrada que estes rapazes tiveram que fazer para chegar a este ponto?» Foi como uma espécie de gelo. Eu pensei: que amor à liberdade do outro (do filho ou do marido, da mulher, dos amigos) é preciso ter para amar a dramaticidade de um caminho, de uma estrada! E que certeza devo ter eu! Que certeza devo ter não nas minhas capacidades, mas que Deus cumprirá! É como quando à minha filha Arianna morreu o namorado, Bizzo (muitos de vós conheceram-no). O pai de manhã telefonou-me dizendo: «Enrico, Giovanni morreu. Deves dizê-lo à Arianna». Garanto-vos que, ouvidas estas palavras, não conseguia entrar no quarto da Arianna para lhe dizer o que tinha acontecido. Como se recusasse aquela realidade. Não conseguia. Depois veio-me um pensamento simplicíssimo – veio-me à cabeça, não como um produto de mim, mas como fruto de qualquer coisa que não sei dizer, mas disto falarei depois – :«Enrico, mas tu achas-te mais inteligente que Cristo, que criou a Arianna, pensas mesmo que tu sabes melhor que Cristo de que é que ela tem necessidade para se tornar uma mulher?». Só este pensamento me permitiu abrir a porta e dizer à Arianna aquilo que lhe devia dizer. É impressionante! Desde aquele momento, este pensamento acompanha-me na vida, porque quando estou diante de pessoas, amigos, marido, mulher, coisas que andam bem ou não andam bem, quando não sabes que resposta dar no momento, em 99% dos casos eu não sei dar respostas; ou quando tu imaginas uma resposta, tens um pensamento, pensas na coisa certa a dizer ou a fazer, vem-me este pensamento: «Mas tu,

Enrico, és mais inteligente que Cristo para saber de que é que tem necessidade aquela pessoa?» E porque é que me veio um pensamento como este? Pela pertença a uma companhia como a nossa, que, aos poucos, me educou e modificou um pouco o meu cérebro, a minha mentalidade, uma companhia que me ajuda a meter também dentro das coisas o factor último que está na origem de tudo: o Mistério, um Mistério encontrado, um Mistério que se fez companhia. Isto tornou-se para mim uma coisa imprescindível.

Há um outro episódio que exemplifica a questão da liberdade, eu prefiro contar factos, porque é inútil fazer teorias sobre as coisas. Quando vamos à montanha, eu vou com o Paolo, que não anda sozinho, mas se o seguro e o ponho à minha frente ele é capaz de andar. O que o Paolo me ensinou é uma coisa simplicíssima, uma coisa que eu percebo mesmo estando com ele: eu faria o caminho da montanha a correr – digo-o mesmo assim: eu fá-lo-ia a correr! – mas em vez disso cabe-me fazê-lo com o passo do Paolo. Quantas vezes na vida me aconteceu quase odiá-lo, ao Paolo, porque me obrigava a fazer o caminho naquele passo! Se nós não aceitamos e não cedemos à modalidade e à forma com que Cristo nos leva ao destino, com que a realidade nos leva ao destino, tornamo-nos violentos. É preciso a liberdade de respeitar aquilo que existe, em vez de seguir as imagens ou os pensamentos que tens na cabeça.

Em silêncio, a olhar para a sua liberdade

Quero falar-vos de um último aspeto da liberdade, para mim decisivo, que descobri – por *par condicio!* – na relação com a minha filha, que é a “normal” da família. Uma noite chega a casa e diz: “Ó pai e mãe, fizeram-me uma grande oferta de emprego” (ela estudou para ser professora), uma oferta de emprego que se me tivessem feito a mim, eu já estaria a trabalhar: bonita, consistente, segura, com dinheiro e possibilidade de carreira. Contamos desta grande oferta de emprego e depois diz: “Mas aquilo que eu encontrei na vida fez-me apaixonar por ser professora, por isso vou ser professora”. E hoje é professora. Tentem imaginar por um instante os pais que vêm chegar a filha a casa com uma proposta estupenda, com um pedaço de realidade inimaginável, com a possibilidade de fazer dinheiro; qual é a primeira tentação? Dizer-lhe: “Ficas com toda a vida resolvida, vá! Pára de andar atrás de quimeras ou de desejos que tens no coração. Chega, acaba com isso!”. Aquilo que me surpreendeu a mim e à Ângela é que, pelo contrário, naquela noite permanecemos calados diante da nossa filha. Em silêncio, só a olhar para a sua liberdade. Sim é difícil! Porque tínhamos vontade de encerrar o assunto: “Eu explico-te a vida, digo-te que é melhor assim, vá!”. Calados. E assim ela hoje é professora.

Na vida de marido a mulher, as coisas podem funcionar ou não. Aconteceu-me a mim, penso que possa acontecer a todos. Mas como é bonito chegar à minha idade (sessenta e cinco anos, trinta e oito de casamento, seis de namoro: uma vida!) e perceber agora – agora, não é que uma pessoa perceba, é necessária toda a vida para perceber – que aquilo que viveste não é contra ti. Uma noite lamentava-me dizendo: “Desperdicei a minha vida”; e quando finalmente percebi qualquer coisa dizia a um amigo: “Quanto tempo deitei fora!”. E segue-se o festival do lamento. E menos mal que aquele amigo me parou de repente dizendo-me: “Mas desculpa, todo o tempo que viveste antes serviu-te para estares aqui esta noite”. Porque não é que se comece a viver quando se percebe. Tu vives

e quando percebes alguma coisa apercebeste que tudo aquilo por que passaste antes foi bonito porque te trouxe a este momento. Frequentemente na relação entre marido e mulher uma das coisas que não se percebe bem e que é fonte de litígio ou de confusão, é uma coisa simplicíssima (não é só isto, mas isto na minha opinião engloba tanta coisa): não nos percebemos porque talvez um corra mais e o outro corra um pouco menos. Espero que vos aconteça também a vocês. Intui-se que quando um corre há um passo pelo qual se aprecia a vida. E a ti que naquele momento vês tudo preto e não te sorri a vida, chateia-te um pouco que ele ou ela aprecie a vida. Com o tempo eu e a Ângela viemos a perceber uma coisa: primeiro era tudo um “pára, desacelera, desce um pouco ao meu nível!”; e assim se arruinam os dois. Quando tu dizes: “Pára!” e o outro pára, quem normalmente anda consegue convencer o outro que é quase mais correto andar do que correr. Em vez disso chegas a um ponto em que dizes: “Uau, estás a correr. Que bom que corres!”. Que bom que corres, porque na vez seguinte podes ser tu a correr. E quando tu chegas a dizer: “Ainda bem que corri!” surge uma coisa muito simples: que quando te acontece a ti correr voltas-te para trás e dizes: “Corre tu também”, não: “Eu páro”. E este é um amor que reconforta. Correr para onde? O que é este correr? Correr para casa porque é Jesus que te espera, subir ao sicómoro como Zaqueu e correr ao encontro de Jesus. Entre duas pessoas intui-se quando um está a correr e a outra não. Intui-se. Percebe-se.

“Que esta inquietação não te abandone nunca na vida”

Última passagem. Muitas vezes temos medo do limite. Dizia-se também ontem: o limite, a nossa humanidade, o nosso desconforto. E aqui o profissional de quem não tem medo do limite chama-se Lele, mais uma vez o meu filho. Ele é um tipo exuberante. Quando se relaciona com alguém, normalmente sucedem três factos em série: a tentativa de te enfiar um dedo num olho, depois um beliscão e outra coisa. Contudo, estes dois gestos chegam. A sua aproximação ao outro é sempre assim. Depois – uma vez que não é parvo – apercebe-se que o outro o olha com má cara. Mas é normal, a vida é assim. Olha-o com má cara, então ele vira-se para os pais... que o olham ainda pior! E o que acontece a certa altura? Que dentro deste olhar feio, seja de quem foi atingido por ele, seja dos pais, tenta abraçar o mal feito. E mesmo quando o mal feito não o abraça ele insiste. Simples. No instante seguinte, de novo o dedo no olho, beliscão etc. Imaginem 24 horas, ou 12 que sejam, durante 36 anos assim. O Lele borrifa-se do seu limite. O seu limite serve-lhe unicamente para ser abraçado. Para mim isto é belíssimo.

A última coisa que digo relembra a inquietação. Conto-vos uma conversa entre a Arianna e o Carrón (o nosso amigo padre, para quem não o conhece). Lindo! Depois da morte do Giovanni veio um momento e períodos da sua vida bastante difíceis, sobretudo à noite quando tinha que ir para a cama, sozinha no quarto. Vinha-lhe mesmo uma inquietação. Ela dizia-me sempre: “Pai, não me chegam nem os amigos. Não me chegam nem sequer as coisas bonitas que vi durante o dia, para acabar com esta inquietação”. Menos mal que há alguém que é Pai a sério, muito mais do que eu. Um dia encontra o Carrón e fala-lhe disto. A resposta que ele lhe deu é impressionante, porque nós queremos sempre resolver a inquietação, o desconforto, mascarar-la, reduzi-la, diluí-la. Carrón disse-lhe: “Arianna, invejo-te porque também eu sou como tu. Fico feliz que esta inquietação não te abandone nunca na vida porque ela é sinal de um coração imensamente ferido. Nós vivemos num

mundo que não pode suportar um coração imensamente ferido e portanto tenderá sempre a reduzir esta ferida, a fazê-la ficar pequena, mas com uma ferida pequena, contentar-te-ás com respostas pequenas, enquanto que com uma ferida grande terás necessidade da resposta grande, isto é de Jesus. Agora tu é que tens de decidir como queres viver”.

Nembrini. Porque com uma ferida grande... não é teoria. Percebem? Eu fico sempre comovido com o meu amigo Enrico, porque conta coisas muito simples, coisas que fazem a nossa vida. Uma ferida é como uma janela: quanto maior é, mais é aberta e mais entram luz e ar pela janela; quanto mais a encostas, se é que não a fechas mesmo, e já não entra nem ar nem luz. É um exemplo que também o Santo Padre deu: “Pensem num quarto fechado durante um ano; quando lá vais, há um cheiro de humidade, há muitas coisas que não funcionam” (Francisco, *Vigília de Pentecostes*, 18 de Maio de 2013). O que é que querem? Viver toda a vida num quarto fechado?

Quero fazer um último pedido ao Enrico. Uma vez contou-me uma coisa que gostei muito. Nos diálogos, nas cartas que recebo, há um aspecto que muitas vezes nos faz confusão e temos dificuldade. Contam-me: “Eu, há vinte anos, há trinta anos, há quarenta anos, há dez anos, encontrei este olhar na comunidade, nos amigos. Uma coisa muito bonita! Senti-me abraçado, acolhido, uma coisa extraordinária. Tornei-me do CL, tornei-me cristão. Mas depois esta companhia desiludiu-me. Já ninguém tem consideração por mim. Tive este problema, aquele outo, etc, e então abandonei tudo”. A companhia inicial que me fez abraçar a fé também me mostrou todos os seus limites e defeitos e estes tornaram-se o motivo que faz com que eu a abandone e voltamos a ficar sózinhos. Há um episódio muito bonito, muito simples da tua vida aquele episódio do passeio da montanha com o Paolo que nos pode ajudar a perceber.

Craighero. Eu participo em todas as férias do Moimento com os meus filhos, nunca os escondi, porque fazem parte da realidade; e depois com os amigos estamos à vontade, não há problema. Uma vez – já passou algum tempo desde então – os amigos disseram-me: “Vá, amanhã vem ao passeio! Levamos também o Paolo”. Do cimo de La Thuile ao passo San Carlo são três quilómetros, dois quilómetros e meio de caminho, até chegares a um miradouro natural, com o Monte Branco à tua frente. Uma coisa de tirar a respiração. Já lá tinha estado, portanto tinha presente como era uma coisa tão bonita de se ver. E portanto, os amigos dizem-me: “Vá, traz também o Paolo, nós ajudamos-te, não há problema”. Eu apresento-me no ponto de partida, fortalecido também por estes amigos que me disseram: “Vá!”. Partimos. Primeira curva, já não estava lá ninguém! Estava ali eu sozinho com o Paolo, na primeira curva tinha ficado sozinho. A primeira grande reacção não é a de praguejar contra os amigos, mas sim de não continuar. Vem-te a vontade de voltar para o hotel, onde te sentes mais protegido, onde pensas que podes tomar melhor conta do Paolo. Mas logo a seguir vem-te como que uma palavra de orgulho (porque precisamos de tudo na vida), que te leva a dizer: “Mas eu vou fazer-lhes pagar isto; vou fazer-lhes ver do que é que sou capaz!”. E assim, com o Paolo, devagarinho, devagarinho, chegas à segunda curva. Na segunda curva para além daquilo que tinhas pensado na primeira curva (porque a vida é assim, não é que tu te esqueças daquilo que fizeste ou do que te aconteceu), acrescenta-se também o cansaço do caminho, então surge-te novamente a vontade de voltar para trás, porém já estás a meio do caminho e então dizes: “Para voltar para trás tenho ainda assim que fazer meio caminho; é verdade que é a descer, mas é sempre um caminho”. E assim decides seguir em frente. Na terceira curva

há um amigo que te espera e aí comesas a pensar: “Há alguém que pensa em mim. Existe! Não liguas ao resto”. E com este “existe”, tu continuas a subir. Como muitas vezes acontece na vida, na dificuldade que estava a sentir para subir vinha-me à cabeça a beleza que existe lá no alto. Cheguei lá a cima duas horas depois dos outros, mas também eu e o Paolo gozamos aquela beleza. Duas horas depois.

Naquele passeio percebi uma coisa: o sacrifício, a dificuldade não são uma objecção. Porquê? Porque estou convencido de que eu gozei muito mais aquela beleza do que aqueles que chegaram lá a cima duas horas antes. Mas então o que é a companhia? É uma coisa grande. Nunca abandonem a companhia, porque sem a companhia eu não teria partido. Sem a companhia não teria partido. Sem aquele amigo que me esperou na terceira curva, talvez me tivesse detido. Uma companhia que puxa por ti, para que tu faças o teu caminho, a tua estrada, aquilo que tens de ser tu a fazer, não uma companhia que se substitua a ti. Isto, na minha opinião, não tem preço. Não interessa nada se alguém se porta mal contigo e outro não, o importante é que haja alguém que está ali, na borda da estrada, a fazer-te companhia na tua dificuldade, porque a dificuldade é tua, o caminho é teu. Esta é a questão.